

# DA HISTÓRIA À BÍBLIA: A HISTORIOGRAFIA COMO MEIO DE TRANSMISSÃO DA BÍBLIA NO PORTUGAL MEDIEVO\*

**Mariana Leite\*\***

 <https://orcid.org/0000-0002-7287-5872>

**Como citar este artigo:** LEITE, M. Da História à Bíblia: a historiografia como meio de transmissão da Bíblia no Portugal medievo. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 1-10, set./dez. 2021. DOI 10.5935/1980-6914/eLETD02114871

**Submissão:** setembro de 2021. **Aceite:** outubro de 2021.

**Resumo:** O panorama das Bíblias medievais portuguesas é bastante parco, sobretudo quando comparado com outras latitudes. Verifica-se, no entanto, que os principais testemunhos de matéria bíblica em vernáculo surgem a partir de traduções e adaptações de textos historiográficos. Neste artigo, propõe-se uma reflexão sobre o papel de obras historiográficas, latinas e em vulgar, para a construção de um *corpus* de matéria bíblica na Idade Média portuguesa.

**Palavras-chave:** Bíblia. Historiografia. Tradução medieval. *Historia scholastica. Liber regum.*

\* O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de pós-doutoramento "A Historia Scholastica em Portugal: presença, transmissão e tradução" (ref. SFRH/BPD/114668/2016) e do projeto Da Memória Escrita à Leitura do Espaço (Mele – Poci-01-0145-FEDER-032673), cofinanciado pelo Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (Poci), através do Portugal 2020 e do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (Feder), e de fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

\*\* FCT – SMELPS/I. Filosofia, Universidade do Porto, Porto, Portugal. E-mail: mariana0leite@gmail.com.

■ **A** profusão de alusões bíblicas na cultura portuguesa medieval contrasta fortemente com a ausência de traduções ou versões vernaculares elaboradas diretamente a partir da *Vulgata*. Esta lacuna torna-se especialmente evidente quando o panorama português é confrontado com o castelhano (BERGER; VASCONCELLOS, 1899, p. 85), embora este último seja bastante mais abundante do que os seus congêneres ibéricos, em grande medida, por casualidades históricas – no caso, a intervenção direta de Filipe II de Espanha, que impediu a destruição dos códices pela Inquisição (AVENOZA, 2012, p. 291-293).

Os silêncios deixados pela falta de testemunhos poderão ser colmatados pela leitura atenta dos poucos vestígios de que dispomos. Tende a ver-se estes vestígios sobretudo como alusões, influências ou até paráfrases da Bíblia que vamos encontrando nos textos literários produzidos em Portugal ao longo da Idade Média, como tão bem explorou Mário Martins (1979), sintetizou Aires Nascimento (2010) e mais recentemente elencou Herculano Alves (2017). Ainda que a literatura edificante tenha tido uma difusão mais significativa, chegam aos nossos dias versões vernaculares da Bíblia através testemunhos tardios e de transmissão complexa. Talvez graças ao interesse pela literatura moralizante, tão intrinsecamente dependente da exegese bíblica, se torne menos surpreendente que a Bíblia medieval portuguesa de que dispomos parta de uma obra que funda historiografia e pedagogia: a *Historia scholastica* (HS), de Pedro Comestor.

Elaborada no final do século XII, esta obra parte, antes de tudo, da compilação das lições de Pedro Comestor para os seus alunos de História Bíblica em Paris. O texto desenvolve-se a partir de comentários quase versículo a versículo da Bíblia, incluindo incidências de história pagã integradas na história sagrada segundo o modelo dos *Cânones crônicos*, de Eusébio e Jerónimo (CLARK, 2016). Devido à natureza didática do texto, a HS teve um sucesso notável (DALY, 1957, p. 67-71). Circulou, em latim, por toda a Europa, e tornou-se uma das principais fontes para a historiografia dos séculos seguintes, seja em latim ou em várias línguas vulgares, como a *General estoria* (GE), de Afonso X. Além disso, a HS, quando traduzida integralmente, estabeleceu a base para as bíblias históricas em diversas línguas vernáculas, a mais conhecida das quais é a tradução francesa de Guyart des Moulins, existindo ainda versões em inglês, norueguês, checo, holandês, catalão e, finalmente, em português (MOREY, 1993, p. 8-9).

O caminho dessa versão em português é bastante complexo. Em primeiro lugar, como a versão francesa (SALVADOR, 2013) ou a catalã (PUIG I TÀRRECH, 2001, p. 116-117; CASANELLAS, 2014, p. 24), a tradução portuguesa configura-se como uma Bíblia historial romanceada. Esse processo leva à eliminação de muitas das notas de história pagã presentes no original latino e excursões teóricas, preteridas em função de excertos diretamente vertidos da *Vulgata*. Isto pode levar a que, em alguns momentos, a HS passe de texto de partida da tradução para estrutura sobre a qual se constrói a Bíblia historial (CASANELLAS, 2014, p. 24).

É impossível saber se, na raiz da versão portuguesa, haveria uma tradução integral da HS, posteriormente apurada para permitir a composição de uma Bíblia historial em romance. O que é possível é sugerir um manuscrito específico da HS como fonte da tradução para português (CASTRO, 1997, p. 19): seria um testemunho latino, que transmite integralmente a obra de Comestor, do início do século XIII, pertencente à biblioteca de Santa Cruz de Coimbra, atualmente

ms. 112 da Biblioteca Pública Municipal do Porto (MEIRINHOS; NASCIMENTO, 1997, p. 219-220). Nota-se que este testemunho se reveste de especial importância para a compreensão da transmissão da HS latina, já que representa um ramo único que congrega lições de diferentes famílias de manuscritos (SYLWAN, 2000, p. 355-374).

A transmissão manuscrita da tradução portuguesa da HS é também complexa, existindo dois testemunhos principais e alguns fragmentos. Os fragmentos mais antigos são do século XV e deveriam pertencer a um mesmo códice. Foram descobertos há alguns anos na biblioteca da Faculdade de Direito de Lisboa (PINTO, 2009, p. 478-480), mas permanecem inéditos. Também inédito está o outro fragmento, este do século XVIII, preservado na Biblioteca Pública de Évora (RIVARA; MATTOS, 1874, p. 18). Os testemunhos mais extensos, e também os mais pertinentes para o estudo da tradução do HS em Portugal, são a *Bíblia de Alcobaça* (BA) e a *Bíblia de Lamego* (BL).

A BA, presumivelmente do século XIV (S. BOAVENTURA, 1829; SILVA NETO, 1958, p. 6), era transmitida pelo manuscrito 349 da Biblioteca do Mosteiro de Alcobaça. O códice desapareceu e só existe a edição oitocentista. Na descrição do manuscrito, Fortunato de S. Boaventura lamenta que alguém tenha raspado trechos do texto. Apesar disto, este editor não deixa de ser interventivo, já que não só se recusa a transcrever o livro de Job como admite ter corrigido alguns “erros teológicos”, sem nunca indicar as suas intervenções nem os *loci critici* do manuscrito. Isso torna-se especialmente problemático porque o texto que nos chega da BA sintetiza ou omite muitas das digressões explicativas de Comestor, chegando a excluir material relevante do autor, como os comentários ao Decálogo no Êxodo. Não podemos saber se essas passagens do texto simplesmente não estavam no códice, se foram raspadas ou se Fortunato considerou-as teologicamente inadequadas. Apesar disso, a BA continua a ser um testemunho fundamental para compreender o processo de recepção de Comestor em Portugal, sobretudo porque dele se terão feito pelo menos duas cópias diretas de que dão conta os acima mencionados fragmentos de Lisboa e Évora (LEITE, 2010, p. 187).

Por seu turno, a BL, editada em 1997 por Joaquim Mendes de Castro, chega-nos por um manuscrito em papel, o 951 do Museu de Lamego, escrito a uma só mão, na passagem do século XV para o XVI. As divergências da BL em relação à BA que se vão encontrando ao longo do testemunho pareciam indicar que a BL seguia um antígrafo, comum à BA (CASTRO, 1997, p. 126; LEITE, 2010, p. 187), mas o confronto mais recente entre os testemunhos levanta dúvidas sobre essa possibilidade. De acordo com Fortunato de S. Boaventura, o manuscrito encontrava-se severamente danificado no Capítulo X, de Juízes; ora, a BL segue exatamente a mesma lição, pelo que é provável afinal que antígrafo desta seja na verdade ou o próprio manuscrito de Alcobaça, ou uma cópia deste feita já após a sua danificação (LEITE, 2021b). O estatuto de cópia não deixa de revestir a BL de excepcionalidade. Em algumas ocasiões, a versão de Lamego afasta-se do seu antígrafo e traduz diretamente a *Vulgata* latina, nomeadamente nos primeiros capítulos do Gênesis e em parte do Êxodo, seguindo o “Decálogo das leis” a partir da *Vulgata* e integrando em seguida parte do Deuteronomio (CASTRO, 1997, p. 22-40), apresentando assim uma versão muito mais completa dos preceitos que a comunidade hebraica deve seguir (LEITE, 2021a, p. 244). Além desta especificidade, três outros aspetos são importantes no testemunho lamecense: primeiramente, este é o único que nos apresenta a tradução de Job, presente na

BA, mas omitida na edição de 1829; em segundo lugar, a BL inclui uma tradução do Livro de Jonas, ausente da HS e, tanto quanto se sabe, da BA (CASTRO, 1997, p. 101); finalmente, a BL inclui, no fim do códice, um conjunto de 50 frases sapienciais, os *Pirchei Avot* (ou Sabedoria dos Pais), traduzidas do hebraico para o português e copiadas pela mesma mão do resto do manuscrito. Mendes de Castro (1989) indica que as sentenças provêm dos primeiros quatro capítulos deste tratado da Mishná, especialmente dos dois primeiros, com o acrescento, no fim, de duas frases de Tobias e Daniel, copiadas a partir da tradução dos respectivos livros, incluídas no códice lamecense (CASTRO, 1997, p. 121, 127). Apresentados após o texto principal, os *Pirchei Avot* não têm qualquer identificação, e verifica-se a omissão de nomes de autores hebraicos (LEITE, 2021a, p. 243).

A inclusão de livros deuteroacanônicos adotados pelo cristianismo não é excepcional. De fato, o antígrafo da BL, BA, é apresentado como uma Bíblia historial baseada numa obra eminentemente cristã, aprovada pelo Papa no quarto Concílio de Latrão e parte fundamental dos currículos universitários da mesma época. Visto como uma obra confiável, não é incomum que sirva de fonte para traduções e outras obras edificantes. À imagem da *Bíblia Historiale*, também em Portugal a HS foi considerada o melhor ponto de partida para desenvolver uma versão em vulgar mais acessível da Bíblia.

Também não é estranho que Job, um dos livros mais glosados pelos filósofos cristãos medievais, tenha sido traduzido na linguagem vulgar e incluído nesta Bíblia historial em romance. Na verdade, a BL até pode ser considerada relativamente contida, já que não vai tão longe quanto outras Bíblias vernáculas medievais, que integram traduções dos livros poéticos (Salmos, Cântico) ou proféticos. Finalmente, também não é surpreendente que algum copista mais zeloso vá à *Vulgata* de São Jerônimo para corrigir e reescrever uma versão vulgar mais próxima do texto bíblico canônico – fenómeno que, curiosamente, se verifica num testemunho castelhano da GE alfonsina, cujos salmos são corrigidos por uma mão bilingue (LEITE, 2017a), como adiante voltaremos a ver.

Embora menos comum, a inclusão de uma tradução dos *Pirchei Avot* numa Bíblia historial de gênese cristã não é totalmente improvável, já que textos essenciais para a formação religiosa judaica e textos de outras tradições podem ser traduzidos ou reunidos num mesmo volume. Códices factícios, como o manuscrito da Biblioteca Nacional de Espanha 5544, atestam a permeabilidade da cultura hebraica aos textos filosóficos árabes ou cristãos (HARO CORTÉS, 2008). Este testemunho castelhano do século XIV é também relevante porque inclui uma versão espanhola dos *Pirchei Avot*, o que permite verificar que a tradução do tratado da *Mishná* não é uma inovação portuguesa.

O traço mais distintivo da BL, marcada por este elemento hebraizante, é a sua circunstância de transmissão e sobretudo de preservação num ambiente profundamente hostil ao povo hebraico. Se desde o edital de 1496 se antecipou a expulsão dos judeus de Portugal, é a partir de 1536, com a instituição da Inquisição, que se generalizam as perseguições sistemáticas a judeus e cristãos-novos. Ainda que por apenas seis anos, entre 1541 e 1547, a sede do tribunal da Inquisição foi instalada justamente em Lamego. Igualmente, os *Pirchei Avot* fazem parte do livro de denúncias do tribunal inquisitorial sediado nesta cidade (VAQUERO, 2015, p. 12-13), o que leva a que se compreenda que os nomes dos *avot* (pais) hebraicos sejam omitidos, com isso, dissociando-os da sua referencialidade religiosa e transformando-os em conselhos morais aparentemente neutros.

Além disso, esta Bíblia historial, que tem por base a obra de um autor consagrado e respeitado pela hierarquia católica, Pedro Comestor, é muito provavelmente feita a partir de uma tradução produzida em ambiente idóneo (o Mosteiro de Alcobaça). Finalmente, quando se busca aproximar o texto do Comestor à Tanach, recorre-se não ao texto hebraico, mas à *Vulgata* latina – ou a uma sua tradução portuguesa desconhecida? –, isto é, à versão seguida pelos cristãos – o que é prática comum por parte de cristãos-novos (ESPÍRITO SANTO, 2016, p. 140-141). Estes aspetos, além do interesse pessoal que este manuscrito pode ter suscitado (VAQUERO, 2015, p. 12-13, 17-18), também terão contribuído para a preservação da BL em contexto inóspito.

Até aqui, concentrámo-nos nos testemunhos mais evidentes da recepção bíblica no Portugal medievo, as Bíblias de Alcobaça e Lamego. Descendendo de uma fonte latina, a HS, os dois testemunhos dão conta do processo de reconfiguração de uma obra eminentemente historiográfica em fonte para uma Bíblia de mais fácil leitura para um público não especializado nem em latim, nem em teologia. No entanto, não parece ser esta a única instância em que textos historiográficos acabam por fornecer indiretamente, de forma mais ou menos condensada, paráfrases da Bíblia em vulgar. Se é verdade que a historiografia medieval requer sempre algum tipo de contextualização universal (BREISACH, 2007, p. 128-130) – logo, por força da própria mundividência da época, bíblica –, alguns textos historiográficos sobressaem quer pelo relevo dado à Bíblia, quer por se tornarem, de algum modo, veículos da matéria bíblica em vulgar. Destes, podemos destacar sobretudo a GE, a obra de Bernardo de Brihuega, e também, em menor escala, a de Pedro de Barcelos.

A GE, projeto de historiografia universal que Afonso X de Castela (1221-1284) inicia nos anos finais da sua vida é, apesar de uma história universal riquíssima em detalhes, um verdadeiro compêndio de história bíblica, o que de resto é paradigmático da historiografia universal (SÁNCHEZ-PRIETO BORJA, 2002, p. 86-91). Usando tanto traduções diretas do texto sagrado quanto compêndios de história sagrada latinos – dos quais se sobressai, naturalmente, a HS –, a obra completa deveria compreender toda a história do mundo desde a criação até o reinado do próprio Afonso X. No entanto, a GE inova ao incluir traduções integrais de todos os livros da Bíblia, nomeadamente aqueles que não constituem fonte historiográfica, como os Salmos, Provérbios, ou o Cântico dos cânticos (SÁNCHEZ-PRIETO BORJA, 2002, p. 118-121). Com a morte do monarca, o projeto ficou interrompido e apenas chegou ao início da sexta parte, que corresponde, como na teoria agostiniana das sete idades, ao tempo inaugurado pela vinda de Cristo. As dimensões monumentais do projeto ditam que desde bastante cedo se dispersasse, dando origem a cópias parciais, que transmitem apenas uma das matérias (SÁNCHEZ-PRIETO BORJA, 2002, p. 153). Tal é o caso do manuscrito CXXV 2-3 da Biblioteca Pública de Évora, produzido na primeira metade do século XIV (SÁNCHEZ-PRIETO BORJA, 2009a, p. CXXIV), que apenas copia matéria bíblica da segunda à quarta parte da obra. O manuscrito castelhano chegou muito cedo a Portugal, como atestam os comentários marginais bilíngues ao livro dos Salmos, que acima mencionámos (LEITE, 2017a). A recepção do texto alfonsino fez-se de várias maneiras, sobretudo como fonte para a historiografia portuguesa posterior (LEITE, 2012, p. 241-269; MIRANDA, 2015), sendo também feita uma tradução portuguesa em tempo de D. João I, copiada ao longo do século XV (MARTINS, 1950; ASKINS; DIAS; SHARRER, 2006; LEITE, 2012, 2017b).

Dada a prevalência da Bíblia na GE, a sua tradução e as diversas (re)leituras em meios portugueses não deixam de representar uma significativa forma de difusão de matéria bíblica através da historiografia em Portugal.

Colaborador do projeto historiográfico de Afonso X, Bernardo de Brihuega compilou, em latim, material para a sexta parte da crónica universal do rei castelhano (BAUTISTA, 2017; PICHEL, 2019). Com grande probabilidade logo no século XIII, na corte do neto de Afonso X, D. Dinis (NASCIMENTO, 2010, p. 34; SOBRAL; CARDEIRA, 2018, p. 140), procedeu-se à tradução dos *Autos dos apóstolos* (ed. CEPEDA, 1982, 1989), nome por que ficou conhecida a versão portuguesa do texto latino de Brihuega, que veio a ser impressa em 1505. Como o título indica, a obra aborda a vida dos apóstolos, partindo naturalmente do texto bíblico, mas simplificando-o ou esclarecendo-o, como também é característico da restante matéria bíblica da GE.

De um modo similar se pode considerar a recepção portuguesa do *Liber regum*, crónica universal aragonesa redigida em língua vulgar entre o final do século XII e o início do século XIII. Centrada nas genealogias régias, o *Liber* é reformulado em contexto castelhano algumas décadas depois, sob o título de *Libro de las generaciones* (CATALÁN, 1962, p. 356-408; BAUTISTA, 2010), e impregna a literatura genealógica portuguesa a partir de 1270 (CINTRA, 1950; MIRANDA, 2010a, 2010b). É esta obra que oferece o esqueleto para o surpreendente – porque incommum – primeiro título do *Livro de linhagens*, de Pedro de Barcelos (1235-1354), filho de D. Dinis, ecoando também ao longo dos outros títulos que concernem à história do mundo e da Ibéria (FERREIRA, 2010). Embora seja invulgar evocar a história do mundo no início de um nobiliário, isto poderá dever-se à perspetiva aristocrática do Conde, que colocava a nobreza da Espanha – independentemente do reino de origem ou mesmo do credo – como verdadeira protagonista da história do território. Ao apresentar-nos como introdução à história da nobreza uma pequena crónica universal, baseada nos eixos Bíblia/história pagã/fundadores peninsulares, Pedro de Barcelos faz uso de uma estratégia retórica presente sobretudo em crónicas locais ou pessoais construídas em torno ou por mandado de figuras régias para com isso elevar a história das linhagens peninsulares. Ao fazê-lo, Pedro de Barcelos também acaba por nos apresentar uma pequena, e muito resumida, história da Bíblia, culminando em Cristo como ápice da linhagem dos judeus (ed. MATTOSO, 1980, I, p. 59-71).

Pelo panorama breve aqui apresentado, verifica-se que, no caso português, as traduções da Bíblia emergem mais no âmbito de versões historiadas, ou mesmo em contexto estritamente historiográfico, do que em traduções diretas da *Vulgata* ou do texto hebraico, embora, naturalmente, esta ausência de vestígios não signifique que estas iniciativas não tenham existido. O que se pode constatar é que são as versões historiadas, integradas em obras historiográficas mais amplas, as que melhor resistiram às vicissitudes da história. Aqui, o caso da BL é paradigmático: construída a partir de um texto historiográfico reputado de uma autoridade consagrada no seu tempo, Pedro Comestor, esta Bíblia historiada pejada de elementos hebraizantes sobreviveu à provável destruição. Por outro lado, a história da Bíblia no Portugal medievo é marcada por um percurso quase circular: das sagradas escrituras produziram-se versões historiadas, tanto em latim quanto em vulgar; por sua vez, destas versões historiadas, por vezes depuradas, como ocorre com a tradução da HS, regressa-se à Bíblia. Assim, esta torna-se, parafraseando os compiladores alfonsinos (ed. SÁNCHEZ-PRieto

BORJA, 2009b, p. 6), a grande árvore da História a que, por muitos excursos que se trilhem, sempre se regressa.

### **FROM HISTORY TO BIBLE: HISTORIOGRAPY AS A MEANS TO CONVEY THE BIBLE IN MEDIEVAL PORTUGAL**

**Abstract:** The context of Portuguese medieval Bibles is quite poor, especially when compared to other cultural contexts. However, it is noticeable that the main witnesses of vernacular biblical matter derive from translations and adaptations of historiographical texts. This article considers the role of historiographical works, both in Latin and vernacular, in the constitution of a *corpus* of biblical matter in Portuguese Middle Ages.

**Keywords:** Bible. Historiography. Medieval translations. *Historia scholastica. Liber regum.*

### **REFERÊNCIAS**

- ALVES, H. *A Bíblia em Portugal: a Bíblia na Idade Média*. Lisboa: Esfera do Caos, 2017. v. II.
- ASKINS, A.; DIAS, A. F.; SHARRER, H. Um novo fragmento da *General Estoria* de Afonso X em português medieval. *Biblos – Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, v. 4, p. 93-124, 2006. (Reedição de *Santa Barbara Portuguese Studies*, v. 6, p. 134-156, 2002).
- AVENOZA, G. The Bible in Spanish and Catalan. In: MARSDEN, R.; MATTER, E. A. (ed.). *The new Cambridge history of the Bible: from 600 to 1450*. New York: Cambridge University Press, 2012. v. II, p. 288-306.
- BAUTISTA, F. Alfonso X, Bernardo de Brihuega y la *General estoria*. *Atalaya*, n. 17, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/atalaya/2954>. Acesso em: 4 set. 2021.
- BAUTISTA, F. Original, versiones e influencia del *Liber regum*: estudio textual y propuesta de *stemma*. *e-Spania*, v. 9, jun. 2010. DOI 10.4000/e-spania.19884
- BERGER, S.; VASCONCELLOS, C. M. Note sur les Bibles portugaises. *Romania*, v. 28, p. 543-556, 1899.
- BREISACH, E. *Historiography: ancient, medieval, and modern*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.
- CASANELLAS, P. Medieval Catalan translations of the Bible. In: TERRADO, X.; SABATÉ, F. (ed.). *Les veus del sagrat*. Lleida: Pagès Editors, 2014. p. 15-34.
- CASTRO, J. M. de. (ed.). *Bíblia de Lamego*. [s. l.]: Joaquim Mendes de Castro, 1997.
- CASTRO, J. M. de. Versão medieval inédita do Pirqué Abot. *Revista Humanística e Teologia*, v. 10, n. 1, p. 89-100, 1989.
- CATALÁN, D. *De Alfonso X al Conde de Barcelos: cuatro estudios sobre el nacimiento de la historiografía romance en Castilla y Portugal*. Madrid: Seminario Menéndez Pidal & Gredos, 1962.

- CEPEDA, I. (ed.). *Vidas e paixões dos apóstolos*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1982. v. 1.
- CEPEDA, I. (ed.). *Vidas e paixões dos apóstolos*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1989. v. 2.
- CINTRA, L. F. L. Uma tradução galego-portuguesa desconhecida do *Liber Regum*. *Bulletin Hispanique*, t. 52, n. 1-2, p. 27-40, 1950. DOI 10.3406/hispa.1950.3216
- CLARK, M. J. *The making of the historia scholastica, 1150-1200*. Turnhout: Brepols, 2016.
- DALY, S. Peter Comestor: master of histories. *Speculum*, v. 32, n. 1, p. 62-73, 1957.
- ESPÍRITO SANTO, A. O paradigma bíblico na sintaxe do português. *Aemilianense*, n. IV, p. 137-157, 2016.
- FERREIRA, M. do R. O *Liber regum* e a representação aristocrática da Espanha na obra do Conde D. Pedro de Barcelos. *e-Spania*, n. 9, jun. 2010. DOI 10.4000/e-spania.19675
- HARO CORTÉS, M. Aristóteles, los sabios judíos y Salomón en una colección de sentencias inédita, palabras breves: dichos de sabios. *Revista de Filología Española*, v. 88, n. 1, p. 37-66, 2008.
- LEITE, M. A Bíblia de Lamego: leituras de Pedro Comestor no século XVI. *eHumanista*, n. 48, p. 241-246, 2021a.
- LEITE, M. *A General Estoria de Afonso X em Portugal: as múltiplas formas de receção do texto entre os séculos XIV a XVI*. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade do Porto, Porto, 2012.
- LEITE, M. Entre galego-português e castelhano: sobre a marginalia da tradução dos Salmos no manuscrito R da General Estoria de Afonso X. In: NEGRO ROMERO, M.; ÁLVAREZ, R.; MOSCOSO MATO, E. (ed.). *Gallæcia: estudos de lingüística portuguesa e galega*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2017a. p. 893-903.
- LEITE, M. Na Senda de S. Jerónimo: Bíblias medievais portuguesas, entre tradução e adaptação. *Optimo magistro sodalium et amicorum munus. Homenagem a Aires A. Nascimento pelo seu 80.º aniversário*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa, 2021b. p. 497-505.
- LEITE, M. Os testemunhos da tradução portuguesa da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor: consequências ideológicas da selecção de fontes. *Cahiers d'Études Hispaniques Médiévales*, n. 33, p. 183-194, 2010.
- LEITE, M. Tradução e tradição da General Estoria em Portugal: sobre as implicações do fragmento ANTT, cx. 13, maço 10, no 30. In: MIRANDA, J. C. R. (org.). *En Doiro antr'o Porto e Gaia: estudos de literatura medieval ibérica*. Porto: Estratégias Criativas, 2017b. p. 611-618.
- MARTINS, M. *A Bíblia na literatura medieval portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1979.
- MARTINS, M. Fragmentos medievais portugueses. *Brotéria*, v. 50, p. 403-414, 1950.
- MATTOSO, J. (ed.) *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Portugaliae Monumenta Historica*. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 1980. (Nova Série, v. II).

- MEIRINHOS, J.; NASCIMENTO, A. A. *Catálogo dos códices da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1997.
- MIRANDA, J. C. R. A *crónica de 1344* e a *General Estoria*: Hércules e a fundação da monarquia ibérica. In: CORTÊS, M. H. (dir.). *Literatura y ficción: “estorias”, aventuras y poesía en la Edad Media*. Valencia: Publicacions de la Universitat de Valencia, 2015. v. I, p. 209-224.
- MIRANDA, J. C. R. Do “Liber regum” ao “Livro velho de linhagens”. In: CORRADINE, J. G.; BAUTISTA PÉREZ, F. (ed.). *Estudios sobre la Edad Media, el Renacimiento y la temprana modernidad*. San Millán de la Cogolla: Cilengua, 2010a. p. 301-310.
- MIRANDA, J. C. R. Do *Liber regum* em Portugal antes de 1340. *e-Spania*, v. 9, jun. 2010b. DOI 10.4000/e-spania.19315
- MOREY, J. H. Peter Comestor, Biblical Paraphrase, and the Medieval Popular Bible. *Speculum*, v. 68, n. 1, p. 6-35, jan. 1993.
- NASCIMENTO, A. A. Dizer a Bíblia em português: fragmentos de uma história incompleta. In: CAVACO, T.; DANIEL, S. (ed.). *A Bíblia e suas edições em Língua Portuguesa: 200.º Aniversário da primeira edição bíblica em português da Sociedade Bíblica/1809-2009*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas: Sociedade Bíblica de Portugal, 2010. p. 7-58.
- PICHEL, R. La tradición vernácula de la obra de Bernardo de Brihuega: noticia de un nuevo hallazgo. *Texto R*, 8 abr. 2019. Disponível em: <https://textorblog.wordpress.com/2019/04/08/la-tradicion-vernacula-de-la-obra-de-bernardo-de-brihuega-noticia-de-un-nuevo-hallazgo/>. Acesso em: 4 set. 2021.
- PINTO, P. Índice dos códices e manuscritos avulsos da biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa*, Coimbra, v. L, n. 1-2, p. 477-503, 2009.
- PUIG I TÀRRECH, A. Les traduccions catalanes medievals de la Bíblia. *Scripta Biblica*, Barcelona, v. 3, p. 107-131, 2001.
- RIVARA, J. H. da C.; MATTOS, J. A. de S. T. *Catálogo dos manuscriptos da bibliotheca publica eborensis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1874. v. IV, pt. 1.
- S. BOAVENTURA, F. de. *Coleção de inéditos portugueses dos séculos XIV e XV*. reimp. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1829. 3 v.
- SALVADOR, X.-L. Guyart des Moulins, traducteur de Pierre Comestor. In: DAHAN, G. (ed.). *Pierre le Mangeur ou Pierre de Troyes, maître du XIIIe siècle: études réunies*. Turnhout: Brepols, 2013. p. 313-327.
- SÁNCHEZ-PRIETO BORJA, P. (ed.). Alfonso X, *General Estoria*. III parte, tomo I. Madrid: Biblioteca Castro: Fundación José Antonio de Castro, 2009a. VI partes (tomos I-X), 10 v.
- SÁNCHEZ-PRIETO BORJA, P. (ed.) Alfonso X, *General Estoria*. I parte, tomo I. Madrid: Biblioteca Castro: Fundación José Antonio de Castro, 2009b. VI partes (tomos I-X), 10 v.
- SÁNCHEZ-PRIETO BORJA, P. La Bíblia en la historiografía medieval. In: LETE, O. (ed.). *La Bíblia en la literatura española*. Madrid: Editorial Trotta, 2002. v.1, t. 2, p. 77-194.
- SILVA NETO, S. da. *Bíblia medieval portuguesa I*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958.

SOBRAL, C.; CARDEIRA, E. O Livro dos Mártires de Bernardo de Brihuega: dois séculos de leitura em português. *Estudos de Lingüística Galega*, v. 10, p. 129-141, 2018. DOI 10.15304/elg.10.4613

SYLWAN, A. Petrus Comestor, *Historia Scholastica*: une nouvelle edition. *Sacris Erudiri*, n. 39, p. 345-382, 2000.

VAQUERO, M. Bíblia de Lamego. *INventaMUSEU*, n. 2, p. 11-34, 2015.